# Dia 7 — São Florêncio, Bispo e Confessor

## Martirológio Romano

A ditosa morte de São Prosdócimo, em Pádua, primeiro bispo desta cidade; ordenado bispo e enviado a ela pelo apóstolo São Pedro para pregar o Evangelho, em cuja missão resplandeceu por suas muitas virtudes e milagres e morreu em santa paz. (Foi grego de nascimento, conheceu o Príncipe dos Apóstolos em Antioquia e o acompanhou a Roma. Consagrado bispo de Pádua, plantou a fé nela e nas vizinhas cidades de Concórdia, Vicenza etc. Tem uma suntuosa capela de mármore na igreja de Santa Justina daquela cidade.)

Santo Herculano, bispo e mártir, em Perúgia. (Era monge de São Bento quando no ano 544 foi tirado do claustro para ser consagrado bispo. São Gregório, papa, em seu livro III *Dialogorum*, cap. 13, fala das virtudes deste Santo.)

Santo Amaranto, mártir, no mesmo dia; o qual terminou sua vida em Albi, pelejando pela fé católica, e vive no céu. (Suas relíquias estiveram muito tempo escondidas; mas depois o Senhor manifestou seu sepulcro com grandes milagres. Santo Eugênio de Cartago, que foi desterrado às Gálias, quis morrer junto ao sepulcro deste santo Mártir.)

O martírio dos santos Hierão, Nicandro, Hesíquio e outros trinta, em Melitene, na Armênia; os quais foram coroados na perseguição de Diocleciano, sendo presidente Lísias. (Depois de açoitados com a maior crueldade, fizeram-nos correr por um carril de fogo e por último os degolaram.)

Os santos mártires Áuceto, Taurião e Tessalônica, em Anfípolis, na Macedônia.

O martírio dos santos Melasipo, Antônio e Carina, em Ancira, no tempo de Juliano Apóstata.

Santo Engelberto, bispo, em Colônia, quem padeceu martírio em defesa da liberdade da Igreja e por obedecer à Igreja romana. (Frederico, conde de Isenburgo, tratou de apoderar-se dos bens da Igreja e, opondo-se o santo Bispo, tramou aquele uma conspiração, e certo dia em que Engelberto ia consagrar uma igreja, no meio do caminho foi atacado por uns salteadores, que lhe tiraram a vida pelos anos de 1225. Sua santidade foi depois atestada com repetidos milagres.)

Santo Aquilas ou Aquias, bispo, em Alexandria, esclarecido por sua doutrina, erudição e costumes. (Era egípcio e dotado de engenho privilegiado; estudou as sagradas letras na famosa escola de Alexandria, a qual ilustrou depois como um de seus mestres. O patriarca São Pedro lhe conferiu as ordens sagradas, e no ano 311 foi elevado à cadeira patriarcal daquela cidade. No ano 312 admitiu à comunhão eclesiástica o diácono Ário, que havia sido separado dela por seu predecessor, e, crendo candidamente em suas mostras de sincero arrependimento, elevou-o ao sacerdócio. Morreu o Santo no mesmo ano de 312.)

A ditosa passagem de São Willibrordo, bispo de Utrecht, na Frísia; o qual foi ordenado bispo pelo papa São Sérgio e pregou o Evangelho na Frísia e na Dinamarca. (Nasceu no reino de Northumbria e foi o primeiro bispo da igreja de Utrecht. Morreu pelos anos de 738.)

São Rufo, bispo e confessor, em Metz.

São Florêncio, bispo, em Estrasburgo. (Veja-se sua vida hoje.)

# São Florêncio, Bispo e Confessor

Foi São Florêncio um homem distinguido por seu nascimento; mas muito mais pelo desprezo que fez das honras e estimações do mundo. Embebido no espírito da religião cristã, que é espírito de humilhação e de morte, aborrecia a vaidade do século e olhava com horror os gostos e as viciosas inclinações da natureza. Mas, sendo dificultoso viver no meio do mundo e não se deixar levar da corrente; estar entre os homens e não seguir as ideias populares; professar a sabedoria do Evangelho onde é dominante a sabedoria mundana, escolheu Florêncio o partido mais seguro, que é sem dúvida o da Religião. A ela, por assim dizer, como que se retirou a perfeição do cristianismo, e nela se pode professar a virtude a cara descoberta. Levou-o a inclinação ao retiro dos claustros, e foi-se encerrar neles. Elegeu a religião de São Bento para consagrar-se a Deus. Esta sagrada Ordem não está tão unicamente dedicada ao exercício da contemplação e da solidão que alguma vez não permita entremeá-lo ou alterná-lo também com o ministério da pregação. Sabendo Florêncio que três monges, Arbogasto, Teodato e Hidulfo, haviam resolvido seguir esta vocação com o fim de ganhar almas para Jesus Cristo, associou-se a eles no ministério apostólico e passou à Alsácia, onde fez muitas conversões. Mas, sendo estreito aquele campo à dilatação de seu zelo, estendeu-se também às províncias comarcãs, fecundando abundantemente as ditosas terras que regou com seus zelosos suores e cultivou com suas apostólicas fadigas. Por este tempo foi nomeado São Arbogasto para o bispado de Estrasburgo, por cuja ocasião São Florêncio se retirou ao bosque de Haslach e nele se dedicou à vida solitária. Ocupava-se principalmente na oração, que só interrompia para dedicar algumas horas ao trabalho de mãos. Cultivava com as suas uma reduzida horta, de cujos frutos se sustentava. Faltava-lhe habitação e quis fabricá-la; mas à moda dos verdadeiros solitários que, não tendo na terra cidade permanente, suspiram sem cessar pela terna mansão dos bem-aventurados, em que afinal se há de terminar a penosa peregrinação desta miserável vida. Com este motivo sucedeu um caso singular. Tendo fabricado nosso solitário uma pobre choça ou uma estreita celinha para sua habitação, saíam do bosque os brutos e as feras e, à

sua vista, ciência e paciência, lançavam por terra todo o seu trabalho. Como o Santo não tinha armas para espantá-las nem instrumento ou móvel algum de caça com que defender-se daquela guerra cotidiana, não sabia que fazer nem que meio tomar para conter aquela espécie de conjuração; mas os Santos para tudo têm sempre um recurso muito seguro em sua mesma santidade. Com sua confiança em Deus dissipou aquele populacho sedicioso, ou, por melhor dizer, acorrentou-o todo ao pé de sua cabana. Mandou em nome do Senhor a toda aquela tropa de brutos e de feras que se juntassem à porta de sua choça e que nenhuma desamparasse o posto sem sua ordem expressa. Foi pontualmente obedecido, e todo aquele feroz vulgacho, amotinado antes com seu trabalho, ficou tranquilo, manso e apacível à voz de seu preceito. Sucedeu por este tempo que, achando-se o rei Dagoberto em seu palácio de Kirchheim, saiu a uma batida; mas com tanta desgraça que, tendo corrido a maior parte do bosque, não se descobriu nem o vestígio de uma fera. Insensivelmente chegaram os batedores à gruta de nosso Santo e ficaram todos assombrosamente surpreendidos quando viram uma multidão de feras que, sem se espantar dos cães nem dos caçadores, se mantinham quietas, sossegadas e seguras sob a proteção do novo Adão. Era como um vivo arremedo do nascimento do mundo, em que por privilégio da inocência original se sujeitava ao homem o animal mais feroz, levando aquele na fronte, por assim dizer, o caráter de seu supremo domínio, que respeitavam dóceis os brutos mais atrevidos. A santidade do servo de Deus renovou nele este privilégio do estado da inocência. Mas os que foram testemunhas do prodígio não discorreram com tanta piedade. Persuadidos de que ali havia coisa de encanto e de que não era possível ter sujeitos aqueles animais sem que aquele homem se entendesse com o diabo, maltrataram-no a seu gosto, despojaram-no de sua túnica e foram-se com ela. Que fez então o servo de Deus? O que deve fazer todo bom discípulo de Cristo. Foi atrás deles com grande paz, sem rancor, sem perturbação, e lhes disse com alegre mansidão: «Irmãos, tomai também este machado, que é o único que me ficou.» Assim falam os Santos, nunca mais alegres que quando, despojados de tudo, só possuem a Deus; pois, quanto menos têm na terra, acham-se mais expeditos, mais ligeiros e mais ágeis para elevar-se até Deus, que deve ser sua eterna posse no céu. Praticou à letra nosso solitário o conselho do Filho de Deus: *Se alguém te tira a túnica, alarga-lhe também a capa*; mas este exemplo não fez força aos que com pouca humanidade o despojaram, ainda que tardaram pouco em conhecer o muito que valia aquele homem a quem acabavam de ultrajar. Voltavam todos por seu caminho quando um sucesso lhes fez abrir de repente os olhos e admirar a virtude do solitário. Tinham que passar por um pântano e, ao chegar a ele, pararam imóveis os cavalos. Conheceram seu erro e, retrocedendo a onde estava o servo de Deus, restituíram-lhe o que lhe haviam levado e lhe deram satisfação. Referiram ao Rei suas aventuras, e o Rei despachou um criado ao santo solitário, rogando-lhe que passasse à corte; fê-lo Florêncio e apenas entrou no palácio quando o honrou Deus com um milagre. Batilde, filha primogênita do rei Dagoberto, era cega e muda desde seu nascimento: no instante viu e falou, sendo suas primeiras palavras outro segundo prodígio; porque, dirigindo-se ao Santo, saudou-o desta maneira: «Sê bem-vindo, Florêncio, servo de Deus», sendo assim que até então ninguém sabia seu nome. Do quarto da Princesa passou Florêncio ao do Rei e, não havendo na antessala quem tomasse seu manto, pendurou-o no ar, a um raio do sol, onde se manteve todo o tempo que durou a audiência. Assombrado o Príncipe de ver maravilhas sobre maravilhas, fez doação ao Santo de uma parte do bosque para que fundasse um mosteiro, que foi muito célebre pela santidade do mestre e pela obediência dos discípulos, sem que São Florêncio deixasse de cuidar dele, ainda que foi consagrado bispo de Estrasburgo por morte de São Arbogasto, olhando sempre

seu coração com olhos paternais os progressos e a observância do mosteiro. Doze anos exerceu o ofício pastoral com uma vigilância digna de sua caridade e de seu zelo; e, tendo derramado até muito longe o odor que exala a santidade, morreu para viver eternamente na glória no dia 7 de novembro do ano do Senhor de 675, segundo o cardeal Barônio.

# Missa (oração)

A missa é em honra do Santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Florentii, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

**Português:** Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que a venerável solenidade de vosso confessor e pontífice São Florêncio aumente em nós o espírito de piedade e o desejo de nossa salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

# Epístola

A epístola é do capítulo 8 do apóstolo São Paulo aos Romanos (o impresso traz «capítulo VII»).

**Romanos 8,14-17**

> **Latim:** 14 Quicumque enim Spiritu Dei aguntur, ii sunt filii Dei. 15 Non enim accepistis spiritum servitutis iterum in timore, sed accepistis spiritum adoptionis filiorum, in quo clamamus : Abba (Pater). 16 Ipse enim Spiritus testimonium reddit spiritui nostro quod sumus filii Dei. 17 Si autem filii, et hæredes : hæredes, quidem Dei, cohæredes autem Christi : si tamen compatimur ut et conglorificemur.

**Português:** 14 Porque todos os que são levados pelo Espírito de Deos, estes taes são filhos de Deos. 15 Porque vós não recebestes o espírito de escravidão, para estardes outra vez com temor, mas recebestes o espírito d'adopção de filhos, segundo o qual clamamos, dizendo: Pai, Pai. 16 Porque o mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito, de que somos filhos de Deos. 17 E se somos filhos, tambem herdeiros: herdeiros verdadeiramente de Deos, e coherdeiros de Christo: se he que todavia nós pa-deccmos com elle, para que sejamos tambem com elle glorificados.

# Reflexões

*Todos aqueles que são movidos pelo espírito de Deus são filhos de Deus.* Se para ser alguém perfeito não se necessita mais que certa compostura exterior, certa devoção aparente e certa virtude de boa-criação, não seria pequeno o rebanho a quem tem Jesus Cristo prometido o reino dos céus. Não é mister muito entendimento, muita educação nem demasiada docilidade de gênio para tomar facilmente o ar, os modos e a linguagem de um homem regrado, especialmente sendo de algum corpo ou família religiosa, onde a todos se procura dar boa-criação e onde nunca faltam modelos excelentes. Todos sabem acomodar-se ao gênio daquelas gentes que só fazem apreço da virtude. A ambição, o interesse, a paixão e o amor-próprio possuem admiravelmente a arte de disfarçar-se e concorrem à simulação com grande facilidade. Ninguém gosta de desacreditar-se, e um natural brando, oficioso e condescendente sabe guardar suas medidas. O agrado, a moderação e a cortesania encobrem muitos defeitos. A favor daquelas prendas logra-se o conceito de homem de bem e de cristão sem ser muito devoto nem matar-se muito por sê-lo. O espírito de política ocupa o lugar do espírito de Deus e da verdadeira virtude. Contanto que se desempenhem as obrigações do emprego ou do estado com alguma felicidade, contanto que se logrem os fins, repara-se pouco na qualidade dos meios nem nos artifícios que se costumam pôr em execução. Esta virtude aparente e superficial engana e não poucas vezes oculta um interior pouco regrado: desordem tanto mais digna de temer-se quanto é mais universal. Por outra parte, o exemplo faz que se viva sem desconfiar do próprio coração, ao mesmo tempo que este está zombando do pobre entendimento. Vive-se então sem espírito interior, e não é aquele homem mais que um fantasmão de cristão ou um religioso de perspectiva. Já não nos faz obrar o espírito de Deus: o homem só é o que regula todas as suas operações e o que as anima. Mas, se totalmente são filhos de Deus aqueles que obram em tudo pelo espírito de Deus, serão muitos os filhos deste Pai celestial? E, se a herança está destinada unicamente para os filhos, que legítima tocará à maior parte dos homens? Claro está que custa à natureza isto de ser fiel aos impulsos da Graça; claro está que é mister lutar continuamente contra o homem para seguir com fidelidade os movimentos do espírito de Deus. Mas que maior glória, que maior consolo que o título de filho de Deus, fruto necessário desta constante fidelidade? À bondade de Deus pertence vigorizar nossa fraqueza com a impressão de seu espírito, e à sua sabedoria preparar-nos estes reforços sem dispêndio de nossa liberdade. Dessa maneira nos deixa o mérito das boas obras, e ele conserva a glória de ser amado e servido por nossa própria eleição. Aos judeus os tratou o Senhor como servos, de quem em todo caso queria fazer-se temer; mas aos Cristãos os trata como a filhos, de quem principalmente pretende fazer-se amar. Parece que nos permite esquecer aqueles títulos seus que representam sua majestade, sua grandeza e seu poder, porque não nos inspirassem talvez um respeito demasiadamente tímido e covarde, para que só nos lembrássemos do amoroso título de pai: amabilíssima qualidade que nos assegura bem de seu amor e merece bem o nosso. O testemunho que aqui dá o Espírito Santo é o da boa consciência: não há outro menos suspeitoso nem de maior consolo. Na verdade, Senhor, enquanto vivo neste mundo, não posso estar plenamente seguro de que sou do número de vossos filhos; mas o desassossego e a inquietação que me causa esta mesma dúvida não deixa de ser prova de que vos amo e de que sou vosso.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São João (o impresso traz «capítulo X»).

**João 12,35-36**

> **Latim:** [35] Dixit ergo eis Jesus : Adhuc modicum, lumen in vobis est. Ambulate dum lucem habetis, ut non vos tenebræ comprehendant ; et qui ambulat in tenebris, nescit quo vadat. [36] Dum lucem habetis, credite in lucem, ut filii lucis sitis. Hæc locutus est Jesus, et abiit et abscondit se ab eis.

**Português:** [35] Respondeo-lhes então Jesus: Ainda por hum pouco de tempo está a luz comvosco. Andai em quanto tendes luz, para que vosnão apanhem as trévas: porque quem caminha em trévas, não sabe para onde vai. [36] Em quanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Isto disse Jesus: e retirou-se, e escondeu-se d'elles.

# Meditação

*Do tempo perdido*

## Primeiro ponto

Considera que não há nesta vida perda mais irreparável nem de maior consequência que a perda do tempo. Perdi uma hora, perdi um dia: já não tem remédio; para sempre ficaram perdidos este dia e esta hora. Todas as demais perdas têm recurso. Perdeu-se a saúde? Pode recobrar-se. Um roubo, um incêndio, um naufrágio admitem remédio; nos negócios mais desbaratados não falta à esperança algum recurso; haja-o na perda de uma batalha, na de um pleito, na da honra, numa desgraça. Já se sabe que no curso da vida há altos e baixos: o que caiu pode levantar-se; e, sobretudo, na falta dos recursos ordinários e naturais, há os sobrenaturais e milagrosos, podendo fazer-se por milagre o que é impossível de outra maneira. Só a perda do tempo é sem esperança de recobro. Não pode Deus, com todo o seu poder, fazer que o dia de ontem não se tenha passado, nem que não se tenham perdido tantos anos empregados em teus gostos. Poderás viver ainda alguns meses; poderá Deus prolongar-te a vida tudo o que for sua divina vontade; mas não pode fazer que o tempo passado torne. Poderás empregar melhor os dias que te faltam; mas não poderás fazer voltar os que perdeste. Compreende-se bem a magnitude, a gravidade e as consequências desta perda?

Nesses dias mal empregados, quantas graças se perderam, que estavam preparadas, destinadas e ligadas precisamente a eles! Acaso desses dias estava pendente a graça de nossa conversão, da vocação e da perseverança. Alumiava então o sol, e agora vai declinando ao ocaso: tínhamos bastante caminho que andar, mas também tínhamos muito dia; agora nos falta ainda muito, e já vai entrando a noite; está para esconder-se aquela luz sem a qual não se sabe aonde se irá parar. Já não é tempo de pôr-se a caminho: despertou-se muito tarde e não há dia para ir ao mercado fazer provisão de azeite; chegará sem dúvida o esposo quando não estivermos em casa. Aqueles formosos dias de uma florida juventude; aqueles brilhantes anos de uma idade cheia de vigor e de robustez; aquele nobre e melhor trecho da vida que se consumiu e se malogrou numa delicada ociosidade: todo este precioso tempo nos foi concedido precisamente para que fizéssemos nossa viagem. Detiveram-te nela os passatempos, o regalo e as alegres companhias; ao declinar a idade, naqueles dias tristes, anuviados e pequenos, acompanhados de tantos achaques, conhece-se que foi demasiada a detenção e quer-se pôr a caminho quando já só se devia pensar em retirar-se. Gentes do mundo, mulheres profanas, jovens divertidos, que malograis os mais belos dias da vida, aplicai-vos todas estas alegorias e compreendei bem este discurso figurado.

# Segundo ponto

Considera quão sensível é uma perda da maior consequência quando é irremediável! Tal é a perda do tempo. No meio disso, esta perda se faz com gosto, faz-se rindo, e até se sentirá muito não fazê-la. Mas são cristãos os que obram desta maneira? São sequer racionais? Não é esta uma espécie de loucura? Pelo menos, há outra mais lastimosa, nem que seja seguida de mais cruel, ainda que de mais inútil arrependimento?

Todo o tempo que se empregou no jogo, em vãos passatempos e em espetáculos profanos é tempo perdido. Todo o que se gastou em vestir-se, em pentear-se, em enfeitar-se para a vaidade e em seguir escrupulosamente a moda é tempo perdido: todo o que se dedicou ao regalo, à delicadeza e a uma insensível ociosidade é tempo perdido: todo o que se ocupou em negócios, em pretensões ditadas principalmente pela cobiça, pela ambição ou por alguma outra paixão humana e natural; o que se malogrou e se desperdiçou em inutilidades, em frioleiras, em bagatelas e em umas puríssimas nadas, tudo é tempo perdido, e de tudo ele nos há de pedir estreita conta aquele Senhor que somente no-lo concedeu para aproveitá-lo bem em ordem à outra vida. Oh Deus, que conta! Oh Deus, que perda! Oh Deus, que dor!

Perde-se este tempo tão precioso e se perde sem remorso; talvez só se sente o não se saber em que perdê-lo. A gente de distinção, os mais assinalados por suas conveniências, por seu nascimento, por sua classe, por seus empregos, por suas dignidades, esses são os que de ordinário o aproveitam pior. Mas na última enfermidade, quando está para acabar-se o tempo e se aproxima a eternidade, então se acode apressadamente aos ministros do Senhor, recorre-se a prontos expedientes; quer-se fazer em alguns instantes pouco livres, e nos quais apenas sabe o pobre moribundo o que se faz, quer-se fazer, digo, aquele grande, aquele espinhoso negócio para o qual nos havia concedido Deus todo o tempo. Mas não são uma espécie de momice, em ponto de religião, todas essas devoções forçadas na última hora, todas essas aparências de dor e todas essas reflexões demasiadamente tardias? Teve-se toda a vida para trabalhar na salvação; não há

idade, classe, condição nem estado que nos dispense desta obrigação; este é o grande, o único negócio de toda a vida; pois que pensarão na última hora os que ao presente não pensam nele?

Conheço, meu Deus, a irreparável perda que fiz; mas, já que por vossa misericórdia ainda me concedeis alguns dias de vida, proponho, com vossa divina graça, não perder um instante de tempo.

# Jaculatórias

Enquanto temos tempo, aproveitemo-lo bem. (Gl 6.)

Ansiosamente deseja, Senhor, minha alma guardar teus santos mandamentos por todo o tempo de minha vida. (Sl 118.)

# Propósitos

1. O tempo é precioso, é curto, e sua perda é irreparável. Quem pode convir nestas três proposições evidentes e perder tempo? Contudo, o tempo se perde todos os dias, e toda a rapidez com que voa não é bastante para moderar a ânsia com que desejamos vê-lo passar. Conta hoje teus anos; enumera teus dias: quantos tens perdido? Que poucos acharás que não tenhas malogrado! Pois na verdade a perda é de consequência, porque afinal nossos dias são contados, e não há sequer um de que não se haja de dar estreita conta. Esta perda é irreparável; porque como se repararão quinze ou vinte mil dias mal empregados e perdidos? Não há outro recurso que a misericórdia de Deus e aproveitar bem os que nos restam. Não percas um instante de tempo e observa fielmente os conselhos que se seguem.

2. Todos os dias, na oração da manhã, na missa e no exame da noite, pede a Deus perdão do tempo que perdeste. Qualquer recreio ou qualquer honesta diversão que tomes, santifica-a tanto no motivo ou na intenção como no mesmo exercício. E para isso determina um número fixo de atos de amor de Deus que hás de fazer todo o tempo que ela durar, como também no de comida e ceia. Daquele tempo que tens destinado para recrear-te ou para descansar, emprega meia hora cada semana em oração ou em outras boas obras. Cada ano hás de escolher um dia, que todo ele deves dedicar a resgatar o tempo, como fala o Apóstolo (Ef 5), empregando-o em orações, em penitências, em boas obras, fazendo mais abundantes esmolas e não perdendo nem um só instante daquele dia. O mais próprio para este santo exercício é o dia em que completas anos. Nunca deixes de acusar-te em todas as confissões do tempo que perdeste, bem persuadido de que é uma falta de muita consideração.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:28 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:28 by Admin